

COLLEGAMENTO CH

Rocca di Papa, 26 de setembro de 2015 – 18h

“Rumo a um novo tempo. O amor mútuo entre os povos”

INÍCIO

Papa Francisco na ONU

INÍCIO fora – no jardim

apresentação condutor, saudações

AO VIVO DO MUNDO

Cuba - Visita do Papa

Índia – Inauguração da Igreja dedicada a Chiara Luce

Collegamento vídeo com Loppiano – Aurelio Molé (Loppiano Lab)

O Diamante, México (25º aniversário da Mariápolis permanente)

MARIÁPOLIS

A grande conquista

Mariápolis na Argélia, Bangkok (Tailândia e outros países), Wallis

VIDA VIVIDA

Summer Job

Argentina

É o como que faz a diferença!

VOZES DO MUNDO: DRAMAS E EMPENHO PELA A UNIDADE E A PAZ

4000 pessoas em 24 horas

Sicília - história paquistanês

história nigeriano

Perder tudo, reencontrar os sonhos

Joelma com um objeto

Tailândia – Luigi Butori

AO VIVO DE LOPPIANO

Vamos deter as guerras! Entrevista a Pasquale Ferrara, diplomata:

Esperança em Damasco

DIALOGANDO COM MARIA VOCE E(MMAUS) E JESUS MORAN

Morrer pela própria gente - Entrevista a Padre Tito Banchong

CHIARA LUBICH: Ousar um tempo novo. O amor mútuo entre os povos

SAUDAÇÃO FINAL

Lançamento das e dos Gen do novo hashtag, com a assinatura de todos - celulares

Endereço HN

Data do próximo Collegamento

Leitura SMS

INÍCIO E SAUDAÇÕES

Papa Francesco (em espanhol)

A guerra é a negação de todos os direitos e uma dramática agressão ao ambiente. Se desejamos um autêntico desenvolvimento humano integral para todos, é preciso prosseguir incansavelmente no empenho de evitar a guerra entre os países e entre os povos.

Antonella Bianco: Palavras fortes, claras, que solicitam um empenho decidido e concreto.... Ditas num lugar que, desde o início, era o emblema da fraternidade entre os Estados. Tomara que sejam aceitas pelos responsáveis da comunidade internacional e dos Estados... Porém, são palavras que também interpelam cada um de nós.

Uma grande saudação a todos vocês no mundo, que assistem o Collegamento.

Sou Antonella, italiana, da Secretaria de Humanidade Nova.

Estamos no jardim do Centro internacional do Movimento dos Focolares.

Como anunciamos em junho: a histórica sala do Collegamento... está sendo reformada.

Mas os nossos celulares e computadores são ativos e podem nos escrever quando quiserem com comentários e saudações usando o número 00 39 3428730175 ou pelo email: collegamentoCH@focolare.org ou postando seus comentários em facebook: Collegamento Ch.

Antes de começar recebemos um SMS da cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos, onde amanhã papa Francisco encontrará milhares de famílias do mundo. Eles nos escrevem:

“Uma saudação do encontro mundial das famílias em Filadélfia. Somos mais de dois milhões de pessoas do mundo inteiro à espera de papa Francesco, para o festival das famílias na famosa escada do museu de arte. Muitos visitantes passaram no stande dos Focolares. Valorizaram o dom que o Movimento representa para a Igreja e para o mundo. Passou por aqui também o cardeal Rylko. Saudações a todos de Jo, Mary, Katy e Kevin e todos os que colaboraram na preparação do evento

De Cuba

Antonella: Papa Francisco começou a sua viagem em Cuba. Vamos ouvir o que os nossos amigos de lá nos enviaram.

Rolando Halley (em espanhol com legenda em italiano) : Uma saudação a todos daqui de Cuba! Vivemos quatro dias intensos com o Papa Francisco.

Foi um momento de graça! O nosso povo, dos governantes às crianças, escutou uma mensagem de céu. O Papa nos falou sobre como viver como irmãos, sendo misericordiosos, próximos de quem sofre sem desprezar ninguém.

Além disso nos disse que, se quisermos chegar longe, devemos caminhar juntos. E isso requer diálogo para buscar os pontos que nos unem e também aqueles nos quais existem diferenças.

Todos em Cuba falam do Papa! Com esta alegria no coração, queremos estar unidos a vocês.

Da Índia

Antonella: Obrigada! Uma saudação a todos vocês de Cuba, que estão nos acompanhando!

E dali vamos para a Índia, em Sironj, no centro da Índia, foi dedicada a primeira igreja a Chiara Luce Badano. Estavam presentes também os pais dela, Maria Teresa e Ruggiero que nos enviam uma saudação.

Índia

Doni (uma focolarina): Inauguramos agora esta Igreja dedicada à Bem-aventurada Chiara Badano. Foi um momento emocionante para nós e imagino que ainda mais para os seus pais. Passo la palavra para Maria Teresa, que nos conta como viveu este momento.

Maria Teresa Badano: Sim, como você disse, terminou agora a celebração da Missa, da consagração da igreja e, ao vivo, gostaríamos de expressar a vocês toda a nossa alegria por este momento; é impossível descrever em palavras. Algo maravilhoso, emocionante. Agradecemos a Deus por mais este presente que nos deu e, se me permitem, quero agradecer também Chiara Lubich.

LOPPIANO LAB

Antonella: Obrigada a vocês! Soubemos que ontem, em Pompeia, no sul da Itália, foi intitulada a Chiara Luce uma comunidade de acolhida de jovens diversamente hábeis. E agora nos coligamos com quinta edição de LoppianoLab: “Além do medo. Cultura do diálogo, cidadania ativa, economia civil”. Aurelio o que tem a nos dizer. Está ouvindo?

Aurelio Molé: Sim. Olá Antonella, obrigado!

Antonella: Estamos vendo vocês, olá Aurelio!

Aurelio Molé: Uma grande saudação a todos! Uma grande saudação a todos aqui de Loppiano onde se está concluindo uma entusiasmante edição de LoppianoLab com mais de 2000 participantes; todas as salas estão super lotadas. O tema deste ano é “Além do medo”, e LoppianoLab quer ir além do medo com uma sólida rede de relações pessoais e sociais para tentar elaborar projetos, coordenar ações, pensar de maneira construtiva. Exatamente neste momento se está concluindo a sessão principal dedicada à Cidadania ativa, à cultura do diálogo e à Economia de Comunhão. Com muitos hóspedes ilustres e qualificados.

Está aqui conosco Steni Di Piazza, presidente do MEC, o Micro crédito para a Economia Civil e de Comunhão, a quem perguntamos: Muhammad Yunus, o famoso banqueiro do micro crédito disse que o banco empresta dinheiro apenas aos ricos, e o micro crédito, ao invés, empresta o dinheiro aos pobres. O que significa isso?

Steni Di Piazza: Significa que os bancos hoje, especialmente com as taxas de juro sempre mais baixas, preferem emprestar para os ricos porque, obviamente, lucram mais. Por outro lado, entendem que, provavelmente, também se lucra vendendo derivados, e que fazendo pequenos empréstimos não têm nenhum ganho. Então, a este ponto, o micro crédito é sacrificado; para conseguir fazer micro crédito o legislador italiano emanou uma lei, o artigo 111 do texto único bancário, que prevê a possibilidade de constituir financiárias ad hoc, ou seja, pequenos bancos que fazem micro crédito.

Então lançamos, no ano passado, um desafio, exatamente aqui em Loppiano, e dissemos: “Visto que o legislador italiano nos dá esta oportunidade, conseguiremos nós constituir um banco para o micro crédito? Nos encontraremos no próximo ano”, ou seja, neste ano. E neste ano dissemos: nós conseguimos constituir. No dia 5 de junho constituímos o MEC, micro crédito de Economia civil e de comunhão. Hoje estamos em condições de ajudar os pequenos, os jovens que querem criar uma empresa e desejam oferecer trabalho, mas com algo mais em relação ao resto. Hoje, esta instituição também tem a incumbência de assistir, ajudar, acompanhar os jovens nesta fase de empréstimo, para que estas pequenas empresas não morram, mas tenham condições, aos poucos, de se tornarem grandes, sempre criando e construindo conosco a cultura de uma Economia Civil e a cultura de uma Economia de Comunhão.

Aurelio Molé: Sabemos que são muitas as Boas Práticas já começadas! É tudo aqui de Loppiano. Passo para você, Antonella.

Antonella: Obrigada Aurelio e bom trabalho para LoppianoLab!

Do México

Antonella: Saudação a todos em LoppianoLab!

Parabéns para a Mariápolis permanente “O diamante” em Acatzingo, na província de Puebla, no México, que festejou há pouco os seus 25 anos. Eles querem nos saudar:

Mauro: No dia 22 de agosto celebramos os 25 anos da Mariápolis O Diamante. Acolhemos cerca de 750 pessoas.

Regina: Foi uma ocasião especial para agradecer a Deus e a todos que, nestes anos, deram a vida por esta linda Mariápolis.

Mauro: Iniciamos a cerimônia mostrando uma placa comemorativa. Depois entramos na sala para percorrermos brevemente a nossa história, descobrindo a intervenção de Deus em tantos momentos dessa história.

Regina: Em seguida, foi realizada a Missa solene de ação de graças. Durante o ofertório, as famílias das redondezas levaram as ofertas. E no final, a festa. Vocês não podem imaginar quanta providência chegou - de todos os tipos - que nos deu a possibilidade de celebrar este momento segundo o costume do lugar.

Mauro: Muitos voltaram à Mariápolis depois de muitos anos e ficaram impressionados ao vê-la transformada. Recebemos também muitas saudações de tantos que estiveram aqui e que ajudaram a construí-la. Com fotos, saudações e tantas recordações bonitas.

Antonella: Obrigada a todos os habitantes da Mariápolis O Diamante! (Aplausos)

MARIÁPOLIS

A GRANDE CONQUISTA

Antonella: A Mariápolis, cidade de Maria, cidade temporânea onde a única lei é o amor mútuo. Nasceu no verão de 1949, quase por acaso, nas montanhas do Trentino. Voltamos para ver aquelas montanhas e descobrimos que um dos seus picos tem o nome “Pico Mariápolis”. Sandra nos guiará. Ela é neta do escalador que em 1959, junto com um amigo, foi o primeiro que subiu até aquele pico.

Sandra (Em trentino de *Primiero* – legenda em italiano)

Entre os anos 1949 e 1959 Chiara Lubich, com muitas outras pessoas, foi ao vale de Primiero para passar as férias de verão.

Férias um pouco, [...] alternativas, características.

Depois foram denominadas Mariápolis.

O meu avô conheceu essas pessoas. O seu nome era Michele Gadenz, mas era conhecido como “Micel” praticamente. Era também um alpinista muito ativo, abriu muitos caminhos de escalada nas Montanhas Dolomíticas. (*Pale di San Martino, também chamadas Dolomiti di Primiero e Cadeia delle Pale, a mais longa cadeia de montanhas Dolomíticas, com cerca de 240 km² de extensão*)

Um dia, com o famoso amigo Tullio Bonat,... Também você é de Tonadico, não é? Meu avô decidiu escalar o ponto mais alto, ainda sem nome, precisamente perto da montanha de Nossa Senhora. Vocês quiseram dar a este lugar o nome Pico MARIÁPOLIS.

Agora, olhando no guia “Montanhas de São Martinho”, vemos que aquele Pico ficou com o nome: Mariápolis.

Então, Tullio, você se lembra desta aventura no Pico Mariápolis, junto com o avô Michele? Por que vocês decidiram dar este nome ao pico?

Tullio (em trentino de Primiero – legenda em italiano)

De vez em quando fazíamos uma nova escalada.

O seu avô Michele pensou neste nome “Pico Mariápolis” por causa da Mariápolis de Primiero.

Sandra: Conte-me como era esta escalada.

Tullio: Começava no abrigo Treviso. Subia-se através de uma passagem estreita (*forcella delle mughe*) e depois virava-se à direita. O segundo pico, aquele mais alto, é o Pico Mariápolis. São quatro comprimentos de corda. Eram muito bonitas!

Sandra: Agora, para concluir, Tullio, dê uma saudação, uma palavra...

Tullio: Uma saudação, para a Mariápolis?

Sim, sem dúvida. Estou muito contente por me terem entrevistado, depois de tantos anos. Que bom que alguém ainda se lembra!

MARIÁPOLIS DA ARGÉLIA, TAILÂNDIA E WALLIS

Antonella: Como veem, estamos entrando na sala del Centro del Movimento dos Focolares. (*Aplausos*) Cumprimos todos os que estão nesta sala, especialmente os responsáveis da Obra no mundo presentes aqui nestes dias.

As Mariápolis, no Valle di Primiero, se multiplicaram no mundo. Este ano foram feitas mais de 100 em todos os continentes. Vamos conhecer de perto três delas.

Argélia

Este ano, na Mariápolis na Argélia, as famílias eram mais numerosas que de costume. Vieram também da Tunísia, de Marrocos e Saara. Dos 150 participantes, muito além da capacidade da estrutura que acolhia, mais da metade eram jovens, amigos dos gen. Os cinco dias de Mariápolis se concluíram entre alegria e lágrimas, que expressavam a forte unidade entre todos e as graças experimentadas por este povo muçulmano que sente a própria fé iluminada pela luz do carisma de Chiara.

Bangkok

A antiga capital do país, Ayutthaya, hospedou a Mariápolis que teve a participação de pessoas dos países vizinhos: uma expô de culturas do continente asiático. Entre os participantes um monge budista, abade de um conhecido templo da periferia de Bangkok, junto com os seus seguidores. O

pacto de manter o amor mútuo, expresso com uma pulseira que uns colocavam nos outros, concluiu esta alegre Mariápolis.

Wallis

Set dias de Mariápolis com 75 habitantes das ilhas Wallis e Futuna, na Polinésia, e oito jovens da França vindos para a ocasião. O tema: “Vamos construir a fraternidade”. Para os jovens um programa orientado a reencontrar o sentido do sagrado: nos sacramentos, na natureza, nos relacionamentos. Um jogo entre as gerações deu a oportunidade a pequenos e grandes de estarem juntos.

ARGENTINA

Antonella: Um focolare foi fechado, outro se transfere para outra cidade. Uma experiência feita por muitos em vários lugares do mundo. Vamos ouvir três gen argentinos e saber como reagiram.

Olá! Somos Pablo, Ivan e Silvio. Gen 2 de Parana, Argentina.

Moramos numa das casas gen, desde que, no ano passado, foi fechado o focolare masculino da nossa cidade. Foi uma grande dor, porque sentíamos o focolare como o *sacrário* de Jesus no meio. Não queríamos, porém, permanecer nesta dor, e nos lançamos para levar o Ideal e o focolare presentes dentro de nós.

Depois de alguns meses, surgiu a ideia de começar a casa gen como um ponto de irradiação do Ideal particularmente para as novas gerações. Escolhemos para esta casa o nome ELETTO, em quem víamos um testemunho concreto do dar a vida pelos jovens. E assumimos o empenho de ser assistentes gen 3 e gen 4.

No dia 20 de março, conseguimos alugar uma casa bem distante do centro da cidade. Um desafio, porque fica longe das nossas universidades. Mas, desde o início sentimos o amor de Deus através de ajudas concretas, não só da Obra, mas também dos vizinhos, que cozinham para nós e emprestaram a luz no primeiro período, quando ainda não tínhamos nem gás nem eletricidade.

Uma experiência bonita foi a de um gen 3, durante um encontro gen 4. Ele veio trazer o seu irmãozinho. Logo, se lançou e começou a me ajudar. Depois ele me contou que aquele momento o ajudou a recomeçar a viver o Ideal.

Quando já estávamos instalados nesta casa, começamos a pensar de que forma doar a vida de Eletto. Vimos como tudo foi para frente, especialmente com os jovens. Os gen 3, que vieram passar alguns dias conosco, os gen 4, que vêm a cada quinze dias, os e as gen 2 da nossa cidade e os jovens por um mundo unido. Sentimos que Eletto está muito próximo a nós.

É um verdadeiro presente viver esta experiência de unidade continuando a estudar, a trabalhar, crescendo no Ideal e partilhando as alegrias e o encontro com Jesus Abandonado. E também vendo Jesus em cada jovem que vem aqui e que espera o melhor de nós; também quando devemos recomeçar. Sem dúvida, Eletto nos acompanha e nos orienta no caminho para dar o Ideal vivendo a “Regra de Ouro”.

Queremos assegurar a vocês a nossa unidade e que vivemos juntos com a Obra inteira!

Antonella: Tchau Pablo, Ivan e Silvio. Obrigada! Saudamos vocês e todos os demais gen que nos acompanham agora de Higgins.

É O COMO QUE FAZ A DIFERENÇA

Antonella: Um fato doloroso como uma doença, pode ser vivido como uma desgraça ou como a possibilidade de uma nova aventura. Vamos ouvir a história de Caitlin, uma jovem do Texas.

Legenda: Caitlin Rowley - 16 anos Houston, Texas / Esta é a sua família / a mãe – o pai / e o seu irmão, Chandler.

Os desafios não são uma coisa nova para Caitlin.

Vejam como enfrentou um deles.

Caitlin: Tinha 14 anos quando me diagnosticaram a doença de Crohn. Trata-se de uma inflamação no intestino, com uma forte irritação. Foi difícil aceitar o diagnóstico, mas não sabia que deveria enfrentar uma tempestade ainda maior.

Depois de alguns meses, tive uma grave complicação e fui parar no hospital, onde fiquei vários meses na UTI. Eu estava muito fraca e sentia dores, mas sabia que Deus tinha um plano para mim e confiaria nele, por mais difícil que fosse.

Decidi reunir toda a força e a luz que podiam vir desta experiência. Gosto de dizer que é a atitude que faz a diferença entre uma desgraça e uma ventura. Percebi que se deixasse transparecer a luz e o amor de Deus, outras pessoas poderiam receber força, sobretudo a minha família. Estar ali vivendo pela minha família e ser para eles uma coluna forte, também quando sofria, porque também eles sofriam. O amor de Deus, como acontece, cresce, se expandiu e atingiu também a equipe do hospital. Enfermeiros e médicos vinham me encontrar; era uma escolha deles, não precisavam vir.

Coloquei na porta alguns versos da Bíblia e também outras frases de que gosto. Tentei fazer do meu quarto um lugar acolhedor, onde as pessoas pudessem sentir a presença de Jesus também nos momentos de sofrimento. Quantas coisas positivas aconteceram: agora a minha fé é mais profunda, a minha família é mais unida e o meu modo de encarar a vida mudou. Vivenciar esse sofrimento, deixou em meu coração a gratidão – embora seja difícil dizer isso - mas agradeço que isso tenha acontecido comigo. Sei que é só o começo do que esta experiência me dará...

Deus tem os seus planos!

VOZES DO MUNDO: DRAMAS E EMPENHO PELA UNIDADE E A PAZ

4000 EM 24 HORAS

Antonella: Também neste Collegamento temos o dever de falar de muitos conflitos no mundo, muitas vezes esquecidos pelos jornais... Yemen, República Centro Africana, Burundi, Sul do Sudão, Somália... para citar alguns. Inclusive aquele que nos preocupou muito entre a Colômbia e a Venezuela...

O Alto Comissariado das Nações Unidas contabilizou que no final de 2014, mais de 59 milhões e meio de pessoas foram obrigadas a fugir de suas casas: migrações forçadas, provocadas pelas guerras, conflitos, perseguições de várias naturezas. Números que continuam aumentando. Ouçamos duas histórias da Sicília, ao sul da Itália.

Música

Francesca Cabibbo, jornalista (em italiano): São histórias de jovens que provêm da Índia, do Paquistão, da Nigéria, do Gâmbia. São jovens muçulmanos, cristãos, hinduístas. Imigrantes que chegam em grandes barcos e que muitas vezes conseguem se salvar em meio às ondas. Alguns

estão hospedados aqui em Chiaramonte Gulfi onde algumas cooperativas, a Nossa Senhora de Gulfi e a FO.CO, deram início a projetos de acolhida para quem pede asilo.

Flavia Cerino, advogada (em italiano): A situação na Sicília é dramática. As pessoas chegam nestes barcos, vivendo uma situação de grande perigo. O número cresce de um mês para outro. Às vezes temos o boletim das chegadas diárias. Em 24 horas são socorridas 4000 pessoas.

Música

Um jovem paquistanês (em inglês com legenda em italiano): Venho de uma família cristã e os cristãos são 2% da população do Paquistão. Em novembro de 2014 deixei o meu país e cheguei aqui passando pela Turquia, Croácia e depois Itália. Foi muito difícil deixar o meu país, o lugar onde nasci, cresci e me formei. Os meus irmãos e irmãs ficaram lá; os meus pais morreram e foi realmente duro para mim. Quando parti não sabia se conseguiria ou não chegar aqui. Às vezes matam as pessoas durante a viagem. Os pensamentos eram de medo e ameaça. Agora a vida está melhor; estou aprendendo a língua, e se tivesse oportunidade de trabalhar seria melhor. Vamos ver. Mas tenho muita esperança para o meu destino.

Antonella: Estas viagens em busca de esperança podem durar anos, em meio a mil perigos.

Um jovem nigeriano (em inglês com legenda em italiano): Venho da Nigéria e ali tive problemas com um grupo chamado Black Us. Precisei deixar o país porque me ameaçavam de morte. Estava numa estação quando vi três ou quatro nigerianos. Um deles me disse: “Podemos lhe ajudar”. Viajamos de Benin a Niger e passamos cinco dias no deserto.

Quando cheguei em Trípoli, um grupo de pessoas que estavam num carro começaram a atirar em mim, colocaram um capuz na minha cabeça e me levaram embora neste carro. Fiquei preso de julho até novembro, quando consegui escapar. Éramos 8 e, às vezes, vinham no quarto onde estávamos e nos levavam para fora para descarregar armas. Eu sabia que eram armas, também bombas, porque nos diziam “se cometerem um erro as bombas explodem e vocês morrem”. Estava assustado. Decidi escapar porque se continuasse ali morreria. Pensei: “se sobrevivo, sobrevivo, se morro, morro”.

Pulei para fora do lugar onde estávamos trabalhando, e um deles nos viu e começou a atirar em nós. Éramos oito, quatro morreram durante a viagem. Nós continuamos correndo e chegamos a um lugar onde um homem, que cuidava de animais, aproximou-se de nós. Estava com medo e queria escapar, mas ele me disse: “não se preocupe”. Falava em árabe e eu estava assustado. Uma noite nos disse: “entrem no carro, mas no porta bagagem”. Conduziu-nos dentro da zona rural por aproximadamente 30 Km. Eu podia sentir a brisa do mar. Quando chegamos ao mar ele nos disse: “entrem no barco”; depois trouxeram outros grupos de pessoas para este barco. O barco partiu e passamos alguns dias no mar. Quando comecei a vomitar, algumas pessoas me disseram que estava morrendo. Todos naquele barco choravam. Levantei-me e olhei o mar à minha volta. Não sabia o que fazer. Comecei a rezar, cantando uma canção. Quando terminei de cantar, vi que estavam chegando algumas pessoas para nos ajudarem e que nos lançaram coletes salva-vidas. Era uma luta para pegar esses coletes. Eu permaneci sentado no barco enquanto as pessoas estavam sendo transportadas. E quando todas saíram, um homem veio me pegar.

Foi assim que cheguei na Itália.

PERDER TUDO, REENCONTRAR OS SONHOS

Antonella: Acontece o mesmo com milhares e milhões de pessoas... um fluxo que a Europa recebeu, sobretudo, despreparada, receosa, dividida, e que gerou desorientação, tensões políticas dentro dos países e entre eles... Ao mesmo tempo se desencadeou uma onda de sentimento humano, que se tornou lar, acolhida e partilha para muitos. Recebemos da Áustria este testemunho:

Maryam Hanna (mulher - em árabe): A guerra destruiu, levou embora todos os nossos sonhos.

George Basmaji (em alemão): Não queria lutar e matar pessoas, por isso decidi deixar a Síria.

Serli Alepoglian (em árabe): Quando o motor parou, perdemos todas as esperanças de nos salvarmos.

Bedros Koshian (em árabe): Carregávamos as nossas malas, junto com os nossos filhos. Naqueles dias estava nevando, os soldados nos esperavam do outro lado.

Locutora (em italiano): Há meses batem à porta da Europa Central e Oriental milhares de pessoas que fogem dos países em guerra. Eles têm como meta os países da Europa Central e do Norte. Há algum tempo também a Áustria. Em Viena, o bispo siro ortodoxo dom Aydin, em colaboração com o Movimento dos Focolares, se empenha em dar assistência aos refugiados que perderam tudo.

Dr. Emanuel Aydin (em alemão): Hospedamos na nossa casa 30 homens. Dormem todos juntos em dois quartos pequenos, até que outros fiquem prontos. Neste momento precisamos encontrar casa para seis famílias, escolas e creches para seus filhos. Algumas vezes ficam doentes, precisamos acompanhá-los ao hospital. Depois têm também os cursos para aprender a língua ... Nos empenhamos dia e noite.

Bedros Koshian (em árabe): Todos os dias ia ver duas ou três casas, mas não queriam alugar porque somos refugiados.

Ruba Boules (em árabe): Nos perguntávamos: mas será que conseguiremos aprender esta língua? Mas no curso de alemão começamos a entender alguma coisa.

Zaki Khazzoum (em árabe): Para qualquer pessoa é difícil deixar o próprio país, o próprio trabalho.

Erich Vorobil (em alemão): Juntos tentamos encontrar as soluções para os problemas diários, para que consigam se integrar aqui na Áustria. Ajudando, por exemplo, a cuidar de um menino que precisa aprender o alemão ou que só precisa de um brinquedo.

Maryam Hanna (em árabe): Se Deus quiser, o meu desejo é encontrar um trabalho e me adaptar a esta nova vida.

Zaki Khazzoum (em árabe): Neste país existem muitas coisas bonitas e tentamos nos adaptar aqui. Mas o nosso pensamento está sempre na Síria. A coisa mais importante é que a guerra termine e que exista paz para todos.

JOELMA E UM OBJETO

Antonella: Histórias como essas foram contadas no último Collegamento. Joelma, em Chicago, decidiu fazer alguma coisa.

Joelma Regis: *(em inglês)*

Recentemente sofria muito ao ver tantos sofrimentos do mundo; sobretudo ouvindo as experiências de pessoas do Movimento dos Focolares que vivem nos países em guerra. Perguntei-me: o que posso fazer por elas aqui onde estou?

Estudo Arte na universidade. Tive a ideia de organizar um evento para recolher fundos para essas pessoas. No início pensei em vender alguma obra minha. Depois convidei outros artistas para se unirem a mim e doarem alguma coisa por esta causa. Éramos 12 artistas. Foram generosos, oferecendo talento e tempo.

O título da exposição era: “O outro, igual a mim - derrubar os muros da indiferença.” Uma das principais obras era um muro feito de objetos como este. Cada pessoa era convidada a levar para casa um deles para se lembrar que estamos ligados uns aos outros e que podemos derrubar os muros da indiferença na nossa vida diária, ideia acolhida por todos.

Enfrentamos muitas dificuldades para organizar a exposição. Uma vez estava trabalhando e me sentia muito cansada. Pensei nas pessoas da Síria e uni a minha pequena dor à dor deles. Encontrei novas energias para continuar. Sabia que quanto mais peças produzisse mais dinheiro conseguiria recolher para eles.

Devia pensar na recepção e queria fazer algo digno. Os pais de uma colega de classe doaram alimento e bebida. Pequenos sinais que me encorajavam a levar para frente o projeto.

Recolhemos \$4000 que serão doados a famílias do Oriente Médio.

GOTA APÓS GOTA - A PONTE LATINA - MAE-SOT

Antonella: Existem também muitos refugiados no mundo que viajam em grandes barcos e que ninguém quer acolher. Outros atravessam montanhas, florestas. No Norte da Tailândia chegam milhares de pessoas sobretudo da etnia Karen, que fogem do Myanmar...Há alguns anos nasceu uma amizade e partilha que une as crianças de Mae-Sot, na Tailândia, e as crianças que vivem perto de Latina, uma cidade que fica perto de Roma. Elas estão aqui perto de mim, vieram com os pais, a professora: obrigada, bem-vindos! (Aplausos)

Nesses dias dois focolarinos de Bangkok foram visitar os amigos Karen, para entregar a eles as coisas que chegaram no último contêiner enviado da Itália. Essa é a saudação deles:

Luigi Butori (em italiano): Bom-dia a todos! Estamos viajando para Mae-Sot. A nossa Van – como podem ver – está cheia de coisas e estamos muito felizes.

Você é?

Roberto (em italiano): Roberto

Luigi (em italiano): E eu Luigi Butori. Somos dois focolarinos. Estamos indo a Mae Sot. a 490KM daqui para a ação *Open our borders*. Esta é a escola *Goccia dopo goccia*, que surgiu com o projeto de Latina. As crianças de Latina e os nossos amigos, iniciaram este projeto, esta ajuda que chegou até aqui, na zona rural.

Aqui estamos na fronteira entre a Tailândia e a Birmânia. Estas crianças não podem entrar no campo de refugiados. São filhos das famílias que trabalham no campo e, graças a esse projeto, a ajuda chega até aqui. Esta é a escola. Não havia nada e a coisa maravilhosa é que o amor faz surgir coisas lindas que antes não existiam. A maioria destas crianças são da etnia *Karen*, uma das etnias perseguidas que fogem de Myanmar e se refugiam na Tailândia.

Estas são algumas das crianças ajudadas pelo projeto da Itália e também pelas pessoas do Movimento daqui da Tailândia. São cerca de 200 pessoas. Esta é somente uma pequena mas maravilhosa parte. A nossa ajuda é distribuída para a escola *Goccia dopo goccia*, para o campo de

refugiados de *Mae La*, para um pequeno lugar que se chama Gaspar, também para outro que não tem um nome e que fica no meio dos campos, e para o orfanato Heavenly Home. Atinge cerca de 200 – 250 pessoas. Até logo a todos.

Antonella: Tchau Luigi, Roberto, obrigada! (Aplausos) E obrigada a vocês, crianças. O projeto "Goccia dopo goccia" tem um perfil facebook para quem desejar acompanhá-los.

VAMOS DETER AS GUERRAS!

Antonella: Vamos nos conectar novamente com Loppiano para falar com Pasquale Ferrara. Ele é um diplomata, perito em relações exteriores e ensina da universidade Sophia.

Pasquale Ferrara: Olá a todos.

Antonella: Pasquale, queremos lhe fazer algumas perguntas. "Na sua opinião, quais são as causas profundas dos movimentos migratórios que estão acontecendo no nosso planeta hoje?"

Pasquale: Primeiramente precisamos reconhecer que os movimentos migratórios não são uma questão apenas humanitária, mas um problema estrutural da política internacional. De qualquer maneira, os migrantes fazem com que a história chegue até as portas da nossa casa e nos contam situações ligadas não só aos conflitos mas também às grandes desigualdades, às mudanças climáticas, à polarização social, a incongruências de todos os tipos. As migrações são a ponta de um iceberg e não podemos simplesmente analisá-las com um único instrumento, aquele da ajuda humanitária. Precisamos também lembrar que, em base na declaração universal dos direitos humanos, cada homem tem uma espécie de cidadania planetária, que se acrescenta à própria cidadania, e que lhe confere o direito fundamental à existência e o direito de viver uma vida digna.

Antonella: Obrigada. Ouvimos o Papa Francisco na ONU e ele pediu aos governantes para que se empenhem na resolução dos graves problemas que destroem a humanidade, a começar pela guerra. É possível encontrar uma solução ou é apenas um sonho?

Pasquale Ferrara: Existe um caminho que o próprio Papa Francisco mencionou, e é aquele da reconciliação. O mundo hoje está tão dividido que precisa de um novo projeto político global, aliás, um projeto universal. Constatamos que, no passado, conflitos que pareciam insolúveis se resolveram. Pensemos, por exemplo, na reconciliação entre a Alemanha e a França, depois da Segunda Guerra Mundial, mas também recentemente, a reconciliação entre Cuba e os Estados Unidos, graças à intervenção de Papa Francisco, mas também ainda mais recentemente um conflito como aquele entre o governo colombiano e as FARC. Isso significa que é preciso empenhar-se com paciência e com competência para que os conflitos possam ser resolvidos. A violência nunca é a resposta.

Antonella: Vimos muitas histórias que nos fizeram entender que não podemos ficar esperando a ação das autoridades nacionais e internacionais, e, como você disse, existem sinais. Mas nós também, sociedade civil, temos uma responsabilidade. Você acha que essas ações podem influir também num nível mais alto?

Pasquale Ferrara: Certamente os governos não conseguem mais acompanhar a complexidade das questões e sobretudo não conseguem mais penetrar nas situações de conflito que estão no centro das sociedades. Por isso é necessário um sistema de reconciliação, de recomposição do tecido

social que venha de baixo. Deste ponto de vista é fundamental que existam iniciativas que sejam, porém, conscientes, não apenas iniciativas que se propõem resolver questões pontuais, mas iniciativas que se realizem dentro de um contexto no qual se conheçam as grandes questões que estão em jogo e quais os pontos que causam a crise, seja em nível local que em nível internacional. Portanto, empenho de uma parte, mas também grande percepção e consciência de estar dando uma contribuição importante.

Antonella: Obrigada, Pasquale, por essas reflexões que você nos ofereceu. Vamos em frente com o nosso Collegamento.

ESPERANÇA EM DAMASCO

Antonella: É um drama fugir, mas é também um drama ficar numa terra martirizada...Algumas famílias se reuniram no focolare de Damasco para nos saudar e contar como está sendo...Vamos ouvi-los diretamente.

Esperança em Damasco

Salem (em árabe): Olá, sou Salem, um jovem da Obra de Maria da Síria. Queremos cumprimentar a nossa família da Obra de Maria no mundo e contar para vocês o que estamos vivendo no nosso país. A Síria vive um imenso sofrimento, sobretudo no último período em que se multiplicam os bombardeios, as destruições, as mortes.

Abboud (em árabe): Olá, sou Abboud e a minha mulher Soha. Há um ano e meio éramos quatro em casa, uma família muito bonita. Estávamos felizes com a nossa vida e aceitávamos tudo. Mas, de repente, ficamos em dois, porque uma bomba caiu sobre a nossa casa e perdemos o que tínhamos de mais precioso: os nossos dois filhos, Antoun e Michael. Partiram para o Céu e não os vimos nem mesmo mortos. A nossa vida encheu-se de sofrimento. Muitas pessoas perderam os seus filhos, não apenas nós. Depois conhecemos a família mais maravilhosa, que permaneceu conosco nesta provação, na alegria e na dor: a família do focolare, da Obra de Maria, que nos ajudou e amparou. Vocês são muito mais que a nossa família.

Soha (em árabe): Antoun e Michael eram o que tínhamos de mais precioso. De repente fiquei sem filhos. Foi muito difícil e me perguntava: onde está Deus? Por que Deus os levou? O que fiz para merecer isso? Agradeço a Deus que nos mandou este filho. Ninguém pode tomar o lugar de Antoun e Michael, mas este novo filho me ajudou a sair de mim mesma. Agradeço a Deus por me ter mandado uma segunda família: o Focolare.

Suhair (em árabe): Sou Suhair, irmã de Soha. Para mim o mundo tinha acabado. Tudo era muito difícil... Lembrei-me do momento em que Jesus carregava a cruz. Era muito pesada, mas tinha Simeão, o cireneu, que o ajudou a levar a cruz. E assim Jesus não sentiu tanto o peso. Sem as pessoas da Obra de Maria a nossa cruz seria muito mais pesada e teria nos esmagado.

Vivian (em árabe): Sou Vivian. Conheci o focolare há pouco tempo. Todos os dias vou para o trabalho em meio aos bombardeios. Depois de ver pessoas morrerem diante de mim dia após dia, cresceu em mim o desejo de ir embora. Não queremos fazer isso porque amamos o nosso país, o nosso bairro. Mas quando, com os meus filhos, vemos os bombardeios e devemos caminhar entre uma bomba e outra... Desejei conhecer melhor o focolare e abri um livro de Chiara. Ela contava

que abriam o Evangelho nos abrigos antiaéreos e descobriam que deviam levar o Amor. Aprendi a abrir o Evangelho todos os dias para ver o que devo fazer, o que devo viver. Estando aqui, neste ambiente de morte, onde dizemos adeus a uma criança ou a uma pessoa idosa assassinada por uma bala ou uma bomba, sinto todos os dias o chamado a viver e intensificar esse Amor. Peço a vocês para rezarem mais pela paz na Síria.

Chafic (em árabe): Eu nunca pensei em ir embora daqui, mas nestes últimos dois meses comecei a pensar nisso.

Escuto o meu filho de 4 anos e meio me perguntar se viveremos em um país onde existem bombas e morte e a minha filha de dois anos e meio que tem muito medo das explosões e que chora, colocando a mão nos ouvidos quando ouve um barulho... Nós não deveríamos viver no medo. Não quero deixar o país onde nasci e vivi. A terra do meu país é sagrada. Partir, imigrar via mar, não sei como, talvez morrer... Mas vejo a morte todos os dias...um amigo morre, um outro foi atingido por uma bomba...Tudo isso me levou a pensar em viajar para dar aos meus filhos a possibilidade de viver longe das bombas, de não ver as pessoas mortas, mas uma vida bela. Esta situação me leva a pensar em partir.

Nadine (em árabe): Sou Nadine, uma gen da Síria. Agora estou morando em Damasco. Depois de todas as experiências que escutamos, de tanto sofrimento ou simples experiências da vida diária, aprendi a viver confiando a Deus cada dia e, ao mesmo tempo, aceitando a morte. Chiara dizia que se por acaso morressem durante a guerra, desejariam que sobre o túmulo delas fosse escrito "E nós acreditamos no amor". Isso faz com que eu e todos nós possamos seguir em frente. Sinto que realmente podemos ensinar os outros a tentar viver desafiando a morte e lutando pela vida, vivendo juntos momentos belos pelo clima de amor que existe nesta família.

Todos: Obrigado!

Antonella: Obrigada a vocês! (Aplausos) Estamos todos unidos a vocês, e esperamos que estejam conseguindo acompanhar o Collegamento, se tiverem eletricidade...

DIALOGANDO COM MARIA VOCE (EMMAUS) E JESÚS MORAN

Antonella: Agora convido Emmaus e Jesús para virem aqui. Testemunhos fortes, Emmaus.

Emmaus: Muito fortes, realmente muito fortes. Tem-se quase a impressão de não poder falar depois de ouvir essas palavras. De um lado, o acolhimento de toda essa dor, esse sofrimento, de outro lado, o louvor a Deus por esta voz de esperança que, apesar de tudo, nasce também do sofrimento. Ver tudo o que estão vivendo e escutar: "Mas nós sentimos o chamado a intensificar o amor", ou: "Eu quero estar pronto para enfrentar a morte, mas pela vida, quero viver".

Isso dá um grande testemunho também a nós. Devemos a louvar a Deus e agradecê-los. Esta terra sagrada, como eles dizem que é a terra deles, se torna ainda mais sagrada porque eles estão lá, vivendo esta experiência.

Tenho vontade de dizer que este e tantos outros lugares onde existe o sofrimento, é o santuário de Jesus Abandonado - e não é o único lugar, como vimos em vários pontos da terra, e existem outros que não conhecemos, que não sabemos. Mas a terra inteira está gritando este "por que" de Jesus Abandonado. E cada vez mais esta terra se torna como um santuário onde vamos para encontrar alguém, para reconhecer uma presença sobrenatural, uma presença que vai além das potências humanas e que pode mudar alguma coisa, porque é Jesus que deu a a vida por nós e que pode continuar transformando em vida tudo o que aparentemente é morte e sofrimento. Um grande obrigada a eles e um empenho, um empenho da nossa parte.

Também nós nos perguntamos o que fazer. Talvez não consigamos fazer muito, mas queremos assegurar-lhes que realmente estamos com eles, que o sofrimento deles é nosso, que o momento de dúvida deles é nosso, que quando não sabem o que fazer nem mesmo nós sabemos o que fazer, que vivemos tudo juntos. Parece-me que é principalmente isso.

Antonella: Obrigada, Emmaus. Sabemos, e nós pudemos conhecê-los antes, que vocês passaram 15 dias com os responsáveis do Movimento no mundo. Imaginamos que falaram sobre muitas coisas, que focalizaram a Obra, que se questionaram sobre os desafios do mundo, deste mundo que está mudando. E talvez tenham se questionado sobre a contribuição que o Movimento pode oferecer neste momento. Jesús, existem novas perspectivas?

Jesús: Quero evidenciar particularmente dois aspectos, que estão em sintonia com a reflexão do Prof. Pasquale Ferrara. Em primeiro lugar, que nestes 15 dias nós encontramos muita vida em todos os níveis na Obra inteira, em todo o Movimento dos Focolares no mundo, animada por todas as vocações que temos: adultos, jovens, crianças. Por outro lado, percebemos que nem sempre esta vida é proporcional ao empenho de dar uma maior visibilidade em nível social, em nível de estruturas, de opinião pública.

Acredito que a perspectiva que está emergindo é a seguinte: precisamos dar um salto na direção do apelo que Emmaus fez há algumas semanas. A meu ver, é um salto na direção de uma maior incisividade que toca as estruturas. E portanto, intensificar mais as sinergias, primeiramente dentro da Obra.

O segundo aspecto diz respeito ao papel das comunidades locais. Falamos muitos sobre as comunidades locais, que não são uma estrutura a mais do Movimento, mas uma realidade viva, dinâmica. É toda a Obra de Maria, todo o Movimento dos Focolares vivo, que age, que pensa, presente num determinado lugar.

Eu pessoalmente disse que vejo essas comunidades locais como um espaço onde se expressa e se desenvolve uma consciência crítica da sociedade. Uma consciência crítica especificamente nossa que é aquela que vem de uma visão, da visão da unidade. Desejaríamos que as nossas comunidades locais fossem assim.

Quando Chiara fundou o Movimento gen disse: existe a contestação, mas nós queremos a contestação evangélica. Também hoje, diante de todos estes males, destas forças antissistema. Eu dizia nestes dias: também nós temos uma força antissistema, também nós somos essa força, mas com a ótica da unidade. Nós também levamos esta força nova.

Acredito que nestes dias está vindo à tona essa perspectiva.

Antonella: É maravilhosa. Abre completamente os horizontes. Obrigada.

Emmaus, você propôs para este ano, como realidade a ser vivida em profundidade, a unidade. Neste momento, todas as comunidades do mundo estão nos escutando: o que você traz no seu íntimo? O que você diria a este "povo da unidade" que está nos escutando?

Emmaus: Eu creio que caminhamos na mesma direção. Se vivermos radicalmente o nosso carisma, que se sintetiza na palavra: "unidade", porque a unidade não é apenas um ponto da nossa espiritualidade, mas é todo o nosso carisma.

Se nós, se todas as pessoas que o conheceram e todas as pessoas que, de alguma forma, tocaram este carisma e são, sem dúvida, todas aquelas que estão acompanhando esta transmissão e muitas outras, que não estão nos acompanhando, se todas estas pessoas decidem viver assim neste momento... e o decidimos juntos, eu por primeiro digo: "Sim, eu quero viver assim, não desejo outra coisa", creio que tudo o que pudemos testemunhar, no fundo, o quê nos mostra? Que todos os desastres nascem da falta de unidade. E nós temos o remédio, porque podemos

viver a unidade, podemos construir a unidade, podemos testemunhar a unidade porque temos a graça para fazê-lo, temos o carisma da unidade para agir assim. Este ano é especial neste sentido; um ano em que teremos uma graça especial para isso, uma graça que se concretizará no diálogo, no diálogo com quem quer que seja, com todas as pessoas.

Se todos nós, começando por mim, até o último que está me escutando agora ou se alguém que receberá esta mensagem amanhã através de um amigo ou de outro modo qualquer; se todos nós nos colocarmos nesta ótica, dizendo: quem encontro é sempre meu irmão, com esta pessoa que encontro, seja ela amiga, inimiga, da minha religião, de outra religião, eu devo construir uma ponte de unidade. Se todos nós agirmos assim, acredito que teremos uma grande chance de chegar e mudar qualquer situação. Eu sou a primeira a me empenhar, mas creio que todos farão o mesmo, e o faremos juntos. O fato de falarmos sobre isso, num certo sentido, nos compromete, nos leva a viver seriamente. Nós já fizemos assim, já nos empenhamos.

Antonella: Nós o faremos, Emmaus! (Aplausos)

Obrigada, obrigada.

MORRER PELA PRÓPRIA GENTE

Antonella: Este radicalismo a que nos chamava me faz lembrar quando Chiara, nos anos setenta, lançou a todos nós, gen, um slogan, que não era um slogan vazio: "Morrer pela própria gente". Esta missão que ela nos confiava tinha uma raiz, era padre Tito Banchong, um jovem religioso, originário do Laos, que, na época, estava estudando em Roma. Decidiu depois, voltar para a sua terra por amor ao seu povo, embora soubesse que corria risco de vida. E, de fato, depois de um certo tempo, não sabendo mais nada sobre ele, pensou-se que tivesse morrido. Roberto Catalano o entrevistou.

Legenda: Rocca di Papa 15 de maio de 1977

Chiara Lubich: "Então, a palavra de ordem é: Gen, você devem partir e morrer pela própria gente."

Roberto Catalano: Padre Tito, o senhor é muito conhecido no Movimento dos Focolares, porque, nos anos setenta, teve um encontro importante com Chiara, comunicando-lhe o seu desejo de voltar para o Laos num momento muito difícil da história do seu país.

Padre Tito Banchong, Administrador Apostólico Luang Prabang – Laos (legenda em italiano): Quando terminei os estudos de teologia, o Laos tinha sido libertado e estava nas mãos dos comunistas. Decidi voltar quando soube que todos os missionários tinham sido expulsos do Laos. Ainda existiam cristãos lá. Quem cuidaria deles? Quem os encorajaria? Não tinha mais ninguém lá. Fui falar com Chiara. Ela podia me dar um conselho.

Quando fui encontrá-la ela me perguntou: "Por que você quer voltar para o Laos? Os comunistas estão lá. Você não poderá fazer nada!" "Preciso voltar para a minha gente, porque não tem nenhum padre lá. Se devo morrer, morrerei por eles!"

Por isso Chiara me disse: "Vá então, estarei sempre com você, em qualquer lugar em que estiver, estarei com você! Confie em Deus." Por isso voltei para o Laos. Não sei por que, depois de um ano e meio me pegaram numa estrada. Estive preso durante anos, sem nenhum motivo. Mas eu sei que foi Deus que me mandou ali. Como eu falei antes, Chiara me disse: "Você estará ali onde existe o sofrimento." Aconteceu logo... mas estava contente. A palavra que Chiara me confiava se realizava.

Roberto Catalano: E você foi processado ou libertado?

Padre Tito: Não aconteceu nada. Fui libertado. Depois que me soltaram fui procurar todos os cristãos na província de Siam Quan e os encontrei. Muitos estavam ali há mais de 30 anos e nunca tiveram um padre.

Roberto Catalano: E você foi preso mais uma vez ...

Padre Tito: Sim, sempre na estrada.

Muitos presos me perguntavam: “Mas quem é você? Por que nunca está triste? Dão pouca comida para você e você a distribui a quem já tem. Você tem parentes? Porque nunca vieram ver você?” “Eh... moram muito longe...”

Roberto Catalano: Como foi o relacionamento com os carcereiros nessas suas experiências na prisão?

Padre Tito: Posso dizer que as pessoas más que estavam na prisão se converteram e se tornaram boas.

Antes que eu chegasse ali as autoridades eram muito duras. Depois, aos poucos, foram mudando, se tornaram boas. Duas delas são meus amigos. Ainda estão vivas! Com o Amor é possível destruir os vínculos do ódio.

Antonella: Romper os vínculos do ódio com o amor. Obrigada, padre Tito.

CHIARA LUBICH: Ousar um tempo novo. O amor mútuo entre os povos

Antonella: Estamos concluindo este nosso Collegamento. Vimos muitas histórias e escutamos muitos testemunhos. Tudo isso nos reporta a uma página de Chiara, que parece um manifesto, e que é de máxima atualidade e de incrível profecia. Ela a escreveu durante a Mariápolis del 1959, a última feita no Valle di Primiero, mas que já era internacional pela presença de representantes de diversos países do mundo.

Vamos ler alguns trechos.

Antonella (lê): do manifesto da Mariápolis de 1959

"Se um dia os homens, não como indivíduos, mas como povos, [...] souberem pospor-se a si mesmos, à ideia que têm de suas pátrias, [...]; se fizerem isto pelo amor mútuo entre os Estados que Deus exige, como exige o amor mútuo entre os irmãos, aquele dia será o início de um tempo novo, porque naquele dia, [...] Ele estará vivo e presente entre os povos [...].

Estes são os tempos [...] em que cada povo deve ultrapassar os próprios confins e olhar além. Chegou o momento em que a pátria do outro deve ser amada como a própria, em que o nosso olho deve adquirir uma nova pureza. Não basta o desapego de nós mesmos para sermos cristãos. Hoje, os tempos exigem algo mais do seguidor de Cristo, uma consciência social do cristianismo[...].

[...]esperamos que o Senhor tenha piedade deste mundo dividido e disperso, destes povos fechados na própria casca a contemplar a própria beleza - para eles sem igual - limitada e insatisfatória, a defender com unhas e dentes, os próprios tesouros — resguardar até aqueles bens que poderiam servir a outros povos nos quais se morre de fome — e faça cair as barreiras e jorrar em fluxo ininterrupto a caridade entre terra e terra, torrente de bens espirituais e materiais.

Esperamos que o Senhor componha uma ordem nova no mundo, Ele, o único capaz de fazer da humanidade uma família e de preservar as distinções entre os povos, para que, no esplendor de cada um, posto a serviço do outro, reluz a única luz de vida que, embelezando a pátria terrena, faz dela a antessala da Pátria eterna."¹

"SIGN UP FOR PEACE" - CONCLUSÃO

Antonella: Esta era Chiara há 56 anos.

Agora estamos realmente concluindo o nosso Collegamento. Vamos partir com este salto de que falávamos, com esta perspectiva que Emmaus e Jesús nos evidenciaram. Vamos chamar os gen que querem propor algo a todos nós.

João: Antes de concluir o Collegamento convidamos todos vocês a assinarem um apelo pela paz e pela unidade dos povos. Esta é uma das atividades que se realiza no mundo. É: *Sign up for peace* que pode ser encontrada no link que vocês estão vendo na tela. (<https://www.change.org/p/sign-up-for-a-global-petition-for-peace-now>)

Antonella: Pedimos para comunicar sobre esta atividade e todas as outras que estão se realizando no mundo através do email: newhumanity@focolare.org

Recebemos muitas mensagens. Leio apenas uma, das focolarinas de Bangui: "Estamos com todos vocês. Estamos vendo todos, embora a conexão não nos permita acompanhar bem tudo. Obrigada pelas notícias. Também aqui, hoje, a situação estava muito tensa, muitos tiros em vários bairros com mortos e pessoas que fugiam. Oferecemos tudo por vocês, pelo CH e pela paz no mundo".

Também estamos com vocês, obrigada.

O próximo Collegamento será no dia 5 de dezembro ao meio-dia.

Tchau a todos! (Aplausos)

¹ Trecho do escrito "Maria, vínculo de unidade entre os povos" verão de 1959 - Publicado in "Ideal e Luz" Editora Brasiliense e Cidade Nova, 2003 pág. 287-290